

PROFETISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE (TFP): UM ESTUDO DE CASO

Gizele Zanotto*

RESUMO: Neste artigo analisaremos alguns dos elementos de matizes milenaristas e utópicos presentes no discurso e prática da *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP). Reelaborando elementos da tradição católica, da mensagem de Nossa Senhora de Fátima e das teses de São Luís Maria Grignion de Montfort, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), fundador e líder doutrinário e espiritual da TFP, sistematizou e consolidou no interior da entidade a crença de que encontramos-nos na iminência de uma catástrofe de proporções mundiais que consolidará a vitória do bem sobre o mal e instaurará uma nova “idade de ouro” para os “eleitos”: o Reino de Maria. Mais do que uma esperança futura de salvação, tais crenças estimulam a configuração de identidades, modos de vivência e sociabilidade que irão orientar as ações cotidianas dos membros da TFP no interior da entidade e no seio da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Profetismo; Tradição, Família e Propriedade (TFP); Escatologia; Milenarismo

ABSTRACT: In this article we are going to examine some of the elements of hues millenarianism and utopian in the discourse and practice of the Brazilian Society for the Defence of Tradition, Family and Property (TFP). Elaborating elements of the Catholic tradition, the message of Our Lady of Fatima and the thesis of San Luis Maria Grignion of Montfort, Plinio Correa de Oliveira (1908-1995), founder and doctrinal and spiritual leader of the TFP, codified and consolidated within the entity the belief that we are on the verge of a catastrophe of global proportions that consolidate the victory of good over evil and establish a new "golden age" for the "elected": the Kingdom of Mary. More than a future hope of salvation, such beliefs encourage the configuration of identities, life affair and sociability that will guide the daily actions of members of the TFP into the entity and within the Brazilian society.

KEYWORDS: Prophetism; Tradition, Family and Property (TFP); Eschatology; Millennialism.

O início do século XX no Brasil foi marcado pela tentativa de recristianização empreendida pela Igreja Católica em todo o país a partir de movimentos católicos de destaque que compunham a Ação Católica Brasileira, as Congregações Marianas,

* Doutora em História Cultural pela UFSC. Professora do Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG.

os órgãos intelectuais e de imprensa, entre outros, criados com a finalidade de agregar e formar uma elite leiga capaz de difundir a crença religiosa em seus meios de atuação pública e privada. Este empreendimento derivou das matrizes vaticanas de “reconquista do mundo para Cristo” fundamentado na proposta doutrinária tradicional e ancorada na atuação agressiva do proselitismo leigo. Neste contexto de estímulo ao apostolado e incentivo à devoção mariana foram formados os futuros líderes do movimento católico denominado *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP), associação civil confessional fundada em 1960 com o objetivo de defender e estimular a Tradição católica, a Família monogâmica e indissolúvel e a Propriedade privada, bem como promover e animar na ordem temporal os princípios do magistério tradicional da Igreja Católica.

Sua fundação derivou da decisão de um grupo de católicos leigos, muito identificados com a doutrina tradicional da Igreja Católica, de obter estatuto jurídico para suas atividades, e de reunir de forma associativa a vasta “*família de almas*” que partilhava dos mesmos ideais de seu líder, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995)¹. Para além das atividades civis e públicas da TFP, configurou-se em seu interior uma religiosidade própria, pautada na crença dos membros nas qualidades e capacidades extraordinárias do líder, que passou a ser considerado profético pelo seu séquito. Com base em tal situação, este artigo pretende destacar justamente este aspecto, ou seja, a partir da criação da TFP, configurou-se um modelo de liderança que seria chamada de profética por Max Weber no interior de uma instituição civil, que preconiza uma atuação católica, mas que irá, com o tempo afastando-se e mesmo opondo-se ao referencial inicial (sempre se baseando em documentos de autoridades religiosas para elaborar e referendar tais críticas).

Para Weber, o profeta seria *o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandato divino* (WEBER, 2000, p. 303). O carisma seria uma forma peculiar de poder,

¹ Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo/SP em 1908. Sua militância católica iniciou nos anos 20 como integrante da Congregação Mariana na Paróquia de Santa Cecília, e se estendeu até seus últimos dias, tendo participado ativamente de atividades de inspiração cristã, como a fundação da Ação Universitária Católica (AUC) na Faculdade de Direito, onde estudava ((1929); a criação da Liga Eleitoral Católica -LEC (1932); como deputado federal na Assembléia Constituinte (1934-1937); como diretor do jornal *O Legionário*, Órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília (1933-1947); como presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica Paulista (1940-1943); como orientador e inspirador do mensário de cultura *Catolicismo* (1951-1995); como fundador e presidente vitalício da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP (1960-1995), além de palestras, autoria de livros e artigos. Plínio faleceu em São Paulo, no ano de 1995, “em odor de santidade”.

baseada em um dom especial, que fornece ao líder uma autoridade baseada, não no caráter sagrado da tradição, ou na legalidade e racionalidade de uma função, mas num dom, na capacidade extraordinária que possuem. Este dom se impõe aos discípulos no anúncio e realização de uma missão de caráter religioso, político, filantrópico, etc. (SANDRE, 2002, p. 149). Weber ressalta que a revelação feita pelo profeta apresenta uma visão homogênea da vida, onde o mundo é apresentado como um cosmos que é, de algum modo ordenado por um sentido – o que Plínio enfatizaria como a ordem natural das coisas, desejada e criada por Deus para ordenar o convívio humano após o pecado original; a partir deste evento, todos os acontecimentos seriam fatores de punição ou santificação dos homens ou das massas. Neste mundo ordenado por Deus, mas decaído pelo pecado dos homens, seriam salientes as figuras de santos homens que, incumbidos de guiar os demais para o caminho do bem, trariam a mensagem divina para os fiéis, guiando-os para um futuro de salvação. Aí se inseria o próprio difusor de tal discurso, legitimando sua proeminência perante os demais leigos que permaneciam fiéis à idéia de reedificação do cristianismo ortodoxo na Igreja, preconizada pelo líder.

A missão do Plínio Corrêa de Oliveira (enquanto profeta) foi anunciar o triunfo da contra-revolução por ele providencialmente liderada (Messias ou Salvador enviado pela Virgem) que, após uma intensa batalha com as forças do mal (tribulações – *bagarre*), será finalmente vitoriosa, concretizando então a salvação eterna com a elevação da natureza dos ‘eleitos’ e a condenação dos ímpios, bem como instaurando uma nova era sacral: o Reino de Maria (elemento milenarista²). Embora a TFP apresente elementos que nos revelam sua proposta milenarista e escatológica, seus autores defendem tais considerações enquanto derivações dos ensinamentos de Nossa Senhora de Fátima (castigo da humanidade) e de São Luís Maria Grignion de Montfort (Reino de Maria), que unidas prevêm o triunfo da Igreja e da civilização cristã após uma forte crise, defendida na TFP como *bagarre*. A preocupação dos tefepistas é com o distanciamento de uma definição milenarista, visto que tal doutrina foi refutada por Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, assim como apontada como errônea e fantasiosa no Concílio de Éfeso (431) e,

² Neste trabalho o milenarismo é considerado em seu sentido amplo, ou seja, por milenarismo entendemos “todas as esperanças, todas as aspirações e conotações religiosas prevendo o surgimento sobre a terra de uma ordem perfeita, de certa forma paradisíaca”. TÖPFER, Bernhard. Escatologia e Milenarismo. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 353.

conseqüentemente, suprimida da teologia oficial³ – situação que por si só não foi capaz de abolir tal sistema de crenças do imaginário católico, de maneira que o surgimento de movimentos messiânico-milenaristas manteve-se vigoroso ainda no século XX.

Acreditamos, assim como Jean Delumeau, que o milenarismo não é incompatível com a modernidade e que, portanto, tal manifestação não está fadada ao desaparecimento, como apregoado por muitos cientistas sociais. Sendo resultado de um movimento dinâmico que envolve crenças, situação econômico-social e política, suas configurações não podem ser definidas de maneira estática; esta consideração seria a própria negação da historicidade dos movimentos milenaristas. Também nos filiamos aos estudos de Maria Amélia Dickie, para quem os milenarismos devem ser explorados também como manifestações culturais, uma abordagem mais ampla que não considera apenas seu aspecto de movimento (dinâmica, processo) e a concepção de mudança que esta idéia implica, mas que também valoriza a religião como fator relevante de causalidade, que privilegia suas características e especificidades, que pensa os milenarismos também como produtos de atores intencionais (não apenas como resultado de situações de crise social, política e econômica) cujas metas e estratégias são coerentes com dada visão particular e articulada de mundo (DICKIE, 2004, p. 13-15).

Movido como proposta religiosa ou como proposta política, o mito ou a crença no Reino manteve presentes determinadas características que auxiliam na compreensão do desenvolvimento dos “tempos finais”: o discurso do Reino geralmente inicia com a explicitação de que a época presente é um tempo de inseguranças, injustiças, misérias e angústias. Uma crise secular que pode chegar a sua maturação final pois *“nunca, na História, a humanidade pareceu estar tão distante do modelo ideal de Civilização Cristã indicado pelo Magistério Pontifício”* (MATTEI, 1997, p. 322). Sendo a história sacra e universal para o cristianismo, ela é apresentada como próxima de sua consumação final, que será efetivado pelo Juízo Final, com o derradeiro julgamento dos homens. Até lá, as forças em confronto, representadas pelo bem e pelo mal, mantêm viva e constante a luta derivada da

³ Embora o autor reconheça que o termo milenarismo tenha sofrido ampliações em seu conteúdo tradicional pelos cientistas sociais (ele próprio é um historiador na Itália), defende que a TFP se afasta desta doutrina, argumentando nesta defesa o *“autêntico significado”* do termo: *“Milenarismo, ou quiliasso, é, em sentido próprio, a doutrina escatológica segundo a qual Jesus Cristo reinará visivelmente na terra com seus eleitos por um período de mil anos entre uma primeira ressurreição dos Santos e a segunda, universal, no fim do mundo”*. MATTEI, Roberto de, 1997. p. 352.

inimizade eterna entre a “Virgem e a Serpente”⁴. Os “guerreiros da Virgem”, neste contexto, são os tefepistas que se dedicam cotidianamente à preparação espiritual e física, à busca da perfeição e da salvação eterna através da devoção mariana e da escravidão à Santíssima Virgem (defendida pelo santo), bem como da luta contra-revolucionária nos âmbitos político e cultural. Nesta luta serão ridicularizados, marginalizados e humilhados pelos filhos das trevas mas, nos tempos finais, serão finalmente alçados à posição que lhes cabe, como “arautos dos últimos tempos”.

Característica comum a grupos minoritários e sectários, a esperança apocalíptica de que um dia serão enfim reconhecidos pelo seu esforço e devoção enquanto seus opositores serão julgados e condenados torna-se um motor para a manutenção de suas crenças, um fator a mais de coesão de grupos isolacionistas e intolerantes. Concebendo o mundo atual como condenado por ser pecador - infiel ao seu Deus e apóstata por renunciar as promessas divinas -, tais grupos constroem para si um futuro de glórias através da composição de uma visão maniqueísta e, porque não, simplista da sociedade, que, muito mais do que identificar o “outro” como encarnação do mal, serve para legitimar seu próprio *status* santificador. Os tefepistas, considerados em seu meio como paladinos da contra-revolução, aos poucos são instigados a acreditar que foram providencialmente escolhidos para combater a Revolução com as idéias de seu líder, idéias estas “*capazes de modificar lentamente a mentalidade do homem contemporâneo e, assim, reestruturar sua alma*” (PEDRIALI, 1985, p. 36). Deste modo, forjou-se discursivamente também a certeza de que a missão de Plínio e seus arautos seria superior até mesmo à dos apóstolos “*pois que a esses competia cristianizar o mundo pagão; a PCO [Plínio Corrêa de Oliveira] cabe a missão muito mais difícil de “recristianizá-lo” num ambiente em que as revoluções já impuseram todas as deformações*” (FOLENA, 1987, p. 27).

A vocação era dos tefepistas seria como a de soldados, guerreiros e monges, tal como os cruzados, “*homens de convicção e fé contagiantes, foram também os protótipos do verdadeiro guerreiro. Eles lutavam para a até então mais nobre de todas as causas, dispostos a dar por ela o que de mais precioso possuíam: a própria vida*” (PEDRIALI, 1985, p. 59). Tal relação é tida por Weber como característica da

⁴ “*Deus estabeleceu inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e escravos do demônio*”. MONTFORT, São Luís Maria Grignon de. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. 29ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 56.

religiosidade profética que pela sua natureza seria compatível com o sentimento estamental de cavaleiros quando suas promessas remetem ao combate pela fé, e pressupõe a exclusividade de um único deus universal e a degradação moral dos infiéis/inimigos (WEBER, 2000, p.324).

O destaque é de que somente alguns poucos serão salvos neste mundo de pecado e, entre eles, os tefepistas, os “novos cruzados” da provação final – a *bagarre*, termo francês que designa confusão, briga, tumulto, mas que na TFP significa o estado em que a humanidade ficará mergulhada no dia em que os castigos prometidos na mensagem de Nossa Senhora de Fátima se realizarem. A *bagarre*, acreditam, será o cataclisma que destruirá 2/3 da humanidade e que antecederá a implantação do Reino de Maria. Com a doutrinação, passam a acreditar que foram “escolhidos” em meio à humanidade decaída, para empreender a derradeira vitória das forças do bem; que tiveram a graça de conhecer a TFP e de não recusar a integrá-la. Neste sentido, a TFP lhes é apresentada como uma “arca da salvação”: pertencer à elite guerreira, e manter-se incondicionalmente fiel às orientações do líder, é garantir um futuro repleto de glórias, numa legítima manifestação do que Weber descreve como “salvação institucional”, ou seja, quando a salvação ocorre em virtude das graças dispensadas continuamente por uma comunidade institucional, credenciada por sua fundação divina ou profética.

Egressos da entidade salientam que os adeptos crêem-se distinguidos por predileção, ungidos com o sinal sagrado, o *tau*, letra do alfabeto hebraico que corresponde ao t e que, segundo o profeta Ezequiel seria a marca com que Deus assinalou a frente dos eleitos numa época de apostasia - este sinal está presente no símbolo da TFP. As conseqüências mais sentidas como resultado deste comportamento exclusivista são o orgulho exacerbado e o desprezo pelos não-membros - os tefepistas aprendiam a considerar os outros como inferiores. Afora este clima de desconfiança ao Outro, sua predileção, sua adesão à mensagem salvífica do profeta lhes assegurava uma esperança de que, apesar da humilhação e da marginalização social que sofriam cotidianamente, estavam certos, de que trilham o caminho da “verdade” – o mundo espúrio os desprezava por aderirem à fé, aos valores e a doutrina católica.

Sua crença era de que no final dos tempos os “eleitos” serão agraciados com a salvação eterna por não terem abandonado a fé, como destacou o egresso Fedeli:

[...] essa expectativa apocalíptica de um grande castigo é comum em grupos religiosos minoritários.

É natural que um grupo religioso minoritário, perseguido, se feche sobre si mesmo, passando a viver num verdadeiro gueto. Esse isolamento faz com que as idéias e as reações emotivas repercutam dentro desse ambiente fechado, e se influenciem mutuamente. O isolamento do grupo não permite confrontar as conclusões e as idéias geradas no gueto com nenhum parâmetro externo. Nessas circunstâncias, perde-se facilmente o pé da realidade e se começa a delirar, a ver miragens, a tomar as elucubrações internas do grupo como a verdade absoluta. Os fantasmas dos pesadelos e as miragens do sonho se projetam numa realidade imaginada.

Deseja-se a libertação do gueto e a vitória. Ambas passam a ser esperadas por meio de uma intervenção sobrenatural. Anseia-se pelo castigo dos inimigos e pela instauração do modo de vida do gueto em toda a parte e para todo o mundo. Quando o mundo se tornar como o gueto, dar-se-á o triunfo da Causa. Passa-se a viver numa expectativa escatológica e apocalíptica: a de universalizar o gueto: a de "enjaquetar" a humanidade e o mundo. Todo o mundo usando a jaquetinha da TFP. Todos gritando unânimes Tradição! Família! Propriedade! Sempre furiosamente (FEDELI, 2005).

Girardet também nos explica que, geralmente, os mitos encontram impulso no interior de grupos minoritários, ameaçados ou oprimidos, sendo que surgem como um fenômeno de não-identificação com a ordem ou o poder dominante (GIRARDET, 1987: 180). Marcando as etapas finais da história do homem sobre a terra, sucederá o grande evento cataclísmico anunciado por Plínio como *bagarre*. Como já destacamos acima, a TFP entende como *bagarre* o castigo anunciado nos segredos de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos portugueses em 1917. Reinterpretando a mensagem fatimista, Plínio defendeu que a *bagarre* será então o "castigo" que atingirá a humanidade pela sua apostasia; dentre todos, tal castigo atingirá especialmente o clero, que teria transformado a Igreja em uma simples "estrutura", onde *"já não existiria sequer um Bispo fiel"*. Este evento, para a TFP, significa o momento em que o mundo reconhecerá seu valor e poder, será o momento em que sua honra e esplendor serão conquistados e o momento em que seu líder será enfim reconhecido.

Segundo Delumeau, o discurso sobre o fim do mundo e o juízo final nunca desapareceu das pregações católicas, embora em determinadas épocas tenha ficado ausente ou tendo sido anunciado de forma mais discreta. Esta pregação relaciona-se com a concepção de um Deus bom e misericordioso com os fiéis, mas um Deus que também será justo no dia do Juízo, punindo terrivelmente os infiéis. No grande dia da "operação da verdade", será enfim separado o "joio do trigo", e o

mundo será “virado do avesso”, de maneira que os valores vigentes até então sejam substituídos pelos “valores da eternidade”. Neste tempo, recordam os pregadores católicos, haverá uma dupla vingança: Deus “vingará” as injúrias que recebeu dos homens e os “eleitos” serão “vingados” dos ultrajes que sofreram dos pecadores (DELUMEAU, 2003, p. 144ss).

Tal é a esperança da TFP, no dia da *bagarre* será enfim reconhecida como “fortaleza” da “verdade” e do “bem”, será enfim alçada a uma posição de destaque entre os “eleitos” que gozarão das benesses de Deus no Reino de Maria. Para esta mentalidade esperançosa de uma catástrofe, qualquer acontecimento pouco comum fora interpretado como sinal de seu início: inundações, furações, meteoros, terremotos, etc. Na TFP vários acontecimentos foram interpretados como passíveis de iniciarem a *bagarre* e instaurarem o “novo tempo de paz”, visto que o mundo moderno foi sempre interpretado como catastrófico e infiel, onde até mesmo a Igreja teria sido contaminada pelos poderes maléficos do demônio: *“a humanidade atual não passa duma horda de miseráveis apegados a vícios; monstros que estão virtualmente prontos para ser dominados pelo demônio, que está na iminência de conquistar todo o Planeta”* (FOLENA, 1987, p. 117). Como a *bagarre* não vinha, restava a necessidade de uma explicação sobre sua protelação. Neste sentido, defendia-se que com a postergação da *bagarre*,

Deus estaria castigando severamente os homens que, como as folhas do outono, estariam despencando, um após outro, sobre as chamas eternas após a morte – já que a *Bagarre* será um castigo e também uma forma misericordiosa de redenção da humanidade (PEDRIALI, 1985, p. 80).

Mas a principal razão deste adiamento devia-se às lacunas dos membros da TFP que estariam distantes do ápice da perfeição que só será adquirida com a extirpação total da herança revolucionária e com a abertura completa de suas almas à contra-revolução: *eles renunciaram ao mundo, até aos prazeres que consideram legítimos, procuram cumprir os Mandamentos, confessam-se freqüentemente, e comungam diariamente – no entanto, estão longe de atingir a perfeição* (PEDRIALI, 1985, p. 80). Na TFP a atenção foi centrada na luta preparatória que antecederá o milênio, com a descrição recorrente dos detalhes da catástrofe, estimulando, desta forma, a uma preparação intensa e contínua por parte dos sequazes.

Manuel Garcia-Pelayo, em estudo sobre as crenças do reino feliz pós catástrofe purgadora dos impuros, destaca que no fim dos tempos será então consolidado um tempo feliz em que a humanidade se verá livre dos problemas que a atormentam, um reino dominado pela justiça e pela paz. O evento não estava acontecendo, mas era iminente, esplendorosamente destruidor e purificador. O autor destaca ainda que nas versões religiosas do mito do “reino feliz dos últimos tempos” está pressuposta na edificação do Reino uma integração do natural com o sobrenatural em um mesmo plano, de maneira que a unidade será enfim concretizada com a plenitude do homem, a plenitude do tempo e a plenitude do espaço. Unida a uma concepção degeneradora da história, a situação atual será interpretada como a negação mais veemente da idade de ouro (neste caso, a Idade Média) de maneira que o Reino será compreendido como uma volta a este tempo ideal (GARCIA-PELAYO, 1981, p. 67/68). Neste mesmo sentido, destaca-se o catolicismo conservador e suas doutrinas de negação do mundo atual como espúrio, distanciado de Deus, e do projeto único do Senhor que seria a salvação da humanidade, sendo que tal salvação teria o significado de reunir aquilo que o pecado original separou (precipitando o homem na história, na doença, dor e morte), religar a aliança rompida entre os homens e Deus. O movimento linear da história – iniciado com a Criação-Queda e que se desenvolverá até o Juízo Final – deverá então consumir-se com a salvação, levando o homem de volta ao reencontro e dissolução no Absoluto.

Sendo derivada da mitologia do Reino, da crença escatológica e milenarista ou da doutrina escatológica católica, a preocupação essencial é a mesma: a felicidade e a justiça, interpretada como salvação eterna ou como libertação secularizada. A TFP faz crer a seus membros que a época atual é dos tempos finais da história humana, que brevemente os ímpios serão punidos pelos seus pecados e que os puros serão salvos, em meio a uma catástrofe de proporções universais e que, após este grandioso evento será consolidado o Reino de Maria, onde os puros viverão um tempo de paz, numa era sacral, semelhante, mas mais grandiosa, que a Idade Média. Este milenarismo mariano, derivado das obras montfortianas, descreve o futuro Reino de Maria como um ideal de sacralização da ordem temporal através da mediação de Maria, mas que é traduzida como uma nova civilização cristã:

o Reino de Maria será uma civilização sacral porque estará ordenado segundo Deus nos seus fundamentos; a lei que regulará as relação com Deus e entre os homens será a da dependência, que encontrará a sua mais alta expressão na “escravidão de amor” à Santíssima Virgem” (MATTEI, 1997, p. 343).

A proposta montfortiana descreve o Reino como a sacralização da ordem temporal pela mediação de Maria, onde haverá um novo triunfo do Corpo Místico, a Igreja, que será agraciada com um florescimento sem precedentes – no qual a Idade Média será apenas um pálido reflexo, visto que o próprio Plínio defendeu que o medievo não atingiu a plenitude de seu desenvolvimento. Esta foi uma era sacral sim (bastante idealizada nos recintos da TFP) mas que teve seu desenvolvimento interrompido pelos pendores revolucionários, portanto, o Reino de Maria suplantará a Idade Média, tirará lições de seus erros, e será infinitamente mais perfeita. O Reino de Maria será também marcado pela devoção ardente à Santíssima Virgem, conforme o próprio santo ensina no *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. Mas o santo complementa, para que esta nova era seja instaurada, o Altíssimo e sua Mãe deverão suscitar grandes homens santos (quem é considerado o maior de todos os santos na TFP?) e grandes conversões à escravidão mariana. Assim sendo, o Reino montfortiano foi convertido, no interior da TFP, em futuro a ser alcançado, no qual tanto Plínio como a TFP teriam um papel destacado: *Na condição de fiscalizadores e protótipos do Reino, teríamos, então, ascendência sobre papas, reis e legisladores, - sobre todo o mundo, portanto* (PEDRIALI Apud: OLIVEIRA, 1985, p. 237).

Este Reino de fé e virtude só seria destruído com o Apocalipse, “*destruído o Reino de Maria, Deus dará por encerrada a função do homem sobre a Terra*” (PEDRIALI, 1985, p. 27). A partir daí, a morada das almas seria o paraíso ou o inferno. Nesta construção também se destacam as transformações que a implantação do Reino traria consigo: um Reino em que a modificação social estaria unida à alteração da natureza, da essência dos seres, através de uma intervenção divina. Weber também sublinha que as propostas escatológico-messiânicas auxiliam na resolução dos problemas da teodicéia (a explicação do mal no mundo) com a certeza de uma compensação futura; um futuro onde não apenas ocorrerá uma mudança política e social, mas em que um Deus ou um herói poderoso virá – logo, mais tarde, algum dia – e colocará seus adeptos na posição de destaque que merecem (WEBER, 2000, p. 351).

Na tentativa de participar deste reino dos virtuosos, os fiéis intensificam suas atividades religiosas sempre que o advento do reino parece iminente. Esta espera milenarista também está ligada à noção de um tempo idealizado, localizado temporalmente no passado, e que teria sido arruinado no curso da história, o mito da “idade de ouro”, que seria a própria imagem de uma ordem, de uma sociedade, de um tipo de civilização. Neste sentido, o discurso tefepista vincula-se ao ideal católico de um retorno ao tempo considerado ideal “de antes”, identificado no medievo e assumido neste catolicismo como meta futura a ser reedificada. Das características milenaristas mais destacadas nesta construção discursiva da TFP se sobressaem a espera por uma salvação coletiva (de um pequeno grupo de “eleitos”), iminente (acontecerá agora ou está próxima), total, última e terrena (a modificação do mundo será radical, final e intramundana) - elementos bastante comuns para a maioria dos milenarismos religiosos ou secularizados.

De qualquer modo, ressaltamos que a força deste profeta é resultado de um conjunto de elementos que só poderão ser compreendidos se considerarmos (além das virtudes de oratória, carisma, autoridade, conhecimento, etc) o receptor deste aparato discursivo, o verdadeiro responsável pela delegação de domínio ao líder, domínio este compreendido conforme a categorização weberiana que considera a dominação como a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo entre determinadas pessoas (WEBER, p. 43). É a crença dos sujeitos nos dons do líder que explicam a adesão ao novo modelo de salvação proposto; é sua mobilização que propicia uma ação pública e visível do grupo; é sua dedicação e devoção ao líder que delegam a este o título de guia; enfim, o seguidor é que possibilita, que torna possível a existência do orador enquanto profeta.

A força persuasiva de Plínio também deve ser pensada enquanto compatível com os ideais e anseios de um grupo restrito, mas determinado de seguidores permanentes que, através de Plínio, tiveram suas ambições defendidas publicamente, e institucionalmente, através da TFP. Nas análises já efetuadas sobre ex-tefepistas, ressalta-se a sua adesão à Sociedade como resultado de um processo de aliciamento, de maneira que os membros seriam “inocentes” engabelados pelo rico e persuasivo discurso elaborado pelos seus líderes. Acreditamos que tal percepção é pertinente, mas que a adesão a tal sistema de valores, crenças, práticas e cultos não pode ser desvinculada de uma busca de sentido pelos jovens *apostolandos*, os membros potenciais da entidade. Segundo Nilda Teves, a

apreensão do mundo pelo homem é intencional, o mundo conhecido é instituído seletivamente, desta forma, a apreensão do discurso pode ser considerada como proposital, ou seja, é determinada pelos desejos, sonhos e interesses do leitor. Portanto, o mundo conhecido é instituído seletivamente, é orientado pelo nosso “olhar”, olhar este que sempre parte de uma perspectiva e de um imaginário social (TEVES, 1992, p. 07). Desta forma, consideramos que o aliciamento de novos tefepistas apresenta, em grande medida, a busca da realização de desejos, o compartilhamento de visões de mundo ou a crença num imaginário comum entre tefepistas e *apostolandos*.

Também os estudiosos das religiões e religiosidades enfatizam que a adesão à mensagem salvífica de um profeta e a incorporação a um grupo sectário tem profundas relações com o contexto vivenciado pelos candidatos. Para muitos está é uma das formas possíveis de exteriorização de uma contestação social e política à sociedade contemporânea, uma sociedade materialista, despersonalizada, carente de valores e modelos culturais, desprovida de líderes catalisadores, de objetivos válidos e de sentidos últimos, assim como de visões grandiosas da vida e da história. Prieto salienta que geralmente os jovens escolhem grupos religiosos austeros e ascéticos como uma espécie de fuga do aburguesamento e do facilismo em que vivem, bem como pela fascinação que tem pelo heróico, pelo difícil e diferente. A perspectiva de adesão à um grupo, ou comunidade, que vincula-se em prol da defesa de valores tradicionais, que critica esta sociedade consumista, que crê estar edificando uma nova era de virtuosidades e fé para os eleitos exerce um forte poder de atração aos que, de alguma forma, desejam se afastar desta sociedade “contaminada”, despersonalizada e imediatista. A TFP também oferece ao mercado de bens simbólicos uma alternativa mítica de vivência e salvação, sendo também resultado desta busca dos indivíduos pela grandeza da mortificação, do sofrimento, da adesão a uma causa nobre, e da busca de reconhecimento individual numa sociedade massificada (PRIETO, 1994).

Analisando os membros da TFP, percebemos se constituem como um grupo confessional que, diante da mudança da práxis da Igreja Católica, teve sua influência diminuída e até combatida em certos meios. Estes católicos reuniram-se numa associação civil para defenderem os valores tradicionais, que lhe parecem os únicos verdadeiros e legítimos. No contexto social e político brasileiro, a TFP foi beneficiada durante a ditadura militar, mas, após a redemocratização viu-se

novamente diminuída em poder e influência. Nestas condições, a elaboração e defesa de um novo reino, onde suas virtudes e sacrifícios pela fé cristã serão enfim valorizadas parece bastante alentador. A caracterização dos membros como os “eleitos” auto-referenda ainda mais tais expectativas, visto que o simples fato de pertencer à entidade será o passaporte seguro para a obtenção da graça. Desta forma, a utilização da Mensagem de Fátima como suporte legítimo para a defesa desta escatologia trouxe elementos precisos para a construção da sucessão de eventos que estaria por vir, bem como ressaltou a iminência da catástrofe, visto que também as lágrimas da imagem de Fátima foram interpretadas como prenúncio, último aviso à humanidade de que a misericórdia divina não poupará os ímpios, infiéis e apóstatas. Enfim, com a punição dos pecadores será instaurada a paz entre os homens: será uma época áurea – semelhante à Idade Média -, e totalmente influenciada pela única e verdadeira religião. Será o Reino de Maria (noção montfortiana), inaugurado com o triunfo do Imaculado Coração (prometido em Fátima), uma época de fé e virtude para os homens e a glória para a TFP.

REFERÊNCIAS

AA. VV. *Tradizione, Famiglia e Proprietá. Associazione Cattolica o setta millenarista?* Rimini, St. Benoit, 1996. Disponível em: <<http://kelebek.mond.at/cesnur/txt/TFP01.htm>> Acesso em 04/outubro/2004.

AGNOLI, Carlo Alberto. TAUFER, Paolo. *TFP: La Maschera e il volto*. Roma: Editrice Adveniat, s. d.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNDADORES DA TFP – TRADIÇÃO FAMÍLIA PROPRIEDADE. *Plínio Corrêa de Oliveira dez anos depois...* São Paulo: [s.n.], 2005.

AGUIAR, Flávio Wolf de. A estrutura da espera. In: VÉSCIO, Luiz Eugênio. SNTOS, Pedro Brum (Orgs.). *Literatura e História: perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999.

ALVES, Helvécio. Depois de 30 anos do milagroso aviso. *Catolicismo*. São Paulo. Nº 619, p. 26-35, julho de 2002.

BARREIROS, Tomás Eon. *Depoimento: Vivência na TFP I* [Curitiba], 12 out. 2004. Entrevista concedida a Gizele Zanotto [com complementações do entrevistado].

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

_____. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Volume II. Bauru: EDUSC, 2003.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em contexto significativo: Os Mucker como sujeitos. In: MUSUMECI, Leonarda. *Antes do Fim do Mundo. Milenarismos e Messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

DOBROUKA, Vicente. *História e Milenarismo: ensaios sobre tempo, história e o milênio*. Brasília: Editora UnB, 2004.

FEDELI, Orlando. *Descrição de um delírio. O culto que a TFP presta a seu líder*. [Mimeo].

_____. Alma de animais, Vaticano II, TFP e Montfort. *Montfort - Associação Cultural*. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/>> Acesso em 11/agosto/2002.

_____. Cartas TFP – Humanismo, Misericórdia e Justiça. *Montfort – Associação Cultural*. Disponível em <<http://www.montfort.org.br/>> Acesso janeiro/2005.

FOLENA, Giulio. *Escravos do Profeta*. São Paulo: EMW Editores, 1987.

GARCIA-PELAYO, Manuel. *Los mitos políticos*. Madri: Alianza Editorial, 1981.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GUIMARÃES, Átila Sinke. SOLIMEO, Gustavo Antonio. *Refutação da TFP a uma investida frustra*. II Volumes. São Paulo: ARTPRESS, 1984.

GUIMARÃES, Átila Sinke. *Servitudo ex Caritate*. 2ª edição. São Paulo: ARTPRESS, 1985.

HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LAFAYE, Jacques. Movimientos mesiánicos y líderes carismáticos em la América Latina moderna; introducción a una cuestión controvertida. El mesías em el mundo ibérico, de Ramón Llull a Manuel Lacunza. In: *Mesías. Cruzadas. Utopías. El judeo-cristianismo em lãs sociedades iberoamericanas*. 2ª edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 07-26/27-46.

LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MANOEL, Ivan. *O pêndulo da história: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: EDUEM, 2004.

MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século XX: Plínio Corrêa de Oliveira*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1997.

MEGIANI, Ana Paula Torres. *O Jovem Rei Encantado: Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MELLO, Gláucia Boratto Rodrigues de. A marcha da humanidade segundo o imaginário dos milenarismos brasileiros. Rio de Janeiro/RJ, 1999. Comunicação apresentada na *IX Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/jornadas/>> Acesso em 03/dezembro/2003.

MONTFORT, São Luís Maria Grignon de. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. 29ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Guerreiros da Virgem – A réplica da autenticidade: A TFP sem segredos*. São Paulo: Vera Cruz, 1985.

_____. *Revolução e Contra-Revolução*. 4ª edição. São Paulo: ARTPRESS, 1998.

PEDRIALI, José Antonio. *Guerreiros da Virgem: A vida secreta na TFP*. São Paulo: EMW Editora, 1985.

PRIETO, Atilano Alaiz. *As Seitas e os Cristãos*. São Paulo: Edições São Paulo, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 3ª edição. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

SANDRE, Ítalo de. Carisma. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Orgs). *Dicionário de Política*. 12ª edição. Vol. I. Brasília: Editora da UnB, São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

SOLIMEO, Gustavo Antônio. SOLIMEO, Luiz Sérgio. *A nova “Inquisição” atéia e psiquiátrica rotula de “seita” os grupos que visa destruir*. São Paulo: ARTPRESS, 1996.

TALMON, Yonina. Milenarismo. In: SILLS, David (Dir). *Enciclopedia de las Ciencias Sociales*. Volume 6. Madrid/Espanha: Ed. Aguilar, 1975.

TEVES, Nilda. O imaginário da configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Coord). *Imaginário Social e Educação*. Rio de Janeiro: Gryphus: Fac. de Educação da UFRJ, 1992.

VARELA, Cosme Beccar. <<*Se un cieco guida un altro cieco...>> *Analisi della Famiglia de Almas e dell’associazione brasiliana TFP condotta sotto il profilo del diritto canonico**. Milano: Società Editrice Barbarossa, 2000.

WEBER, Max. Conceptos sociológicos fundamentales. Concepto de la acción social. In: *Economía e Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*. México: fondo de Cultura Económica.

_____ *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia comprensiva*. 3ª edição. Brasília: Ed. UnB, 2000.